

A CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO FREUDIANO A PARTIR DO CONCEITO DE TRIEB

(The Characterization of the Freudian Subject from the Concept of *Trieb*)

Fabiano de Mello Vieira¹

Resumo: Freud dedicou boa parte de suas investigações na formulação da hipótese sobre a existência de um aparelho psíquico e não explorou muito a noção de sujeito em toda a sua obra, exceto no artigo *As pulsões e suas vicissitudes* (1915) onde essa noção aparece para identificar o agente de todo o movimento pulsional, ou seja, é possível constatar que, quando Freud fala de sujeito ele o faz falando de pulsão. Toda sua teoria das pulsões apresenta vários desdobramentos e algumas confusões até chegar à divisão em duas categorias: as pulsões do ego e as pulsões sexuais, e para isso Freud faz uma longa caminhada abordando assuntos como a sexualidade infantil e o narcisismo. O presente trabalho propõe – a partir da análise da construção freudiana da teoria pulsional – mostrar que desde os seus primórdios ainda no *Projeto para uma psicologia científica* (1895) as pulsões já tinham seu lugar dentro da obra, e é no texto de 1915, ao analisar seus elementos constituintes, que a fonte (*Quelle*) se destaca como tendo função de “causa do sujeito”, caracterizando assim a expressão de uma subjetividade.

Palavras-chave: Psicanálise, Pulsões e Sujeito.

Abstract: Freud has dedicated most part of his investigations to formulate the hypothesis about the existence of a psychic apparatus and did not explore a lot the notion of subject in all his studies, except from the article *The instincts and his vicissitudes* (1915) where this notion appears to identify the agent of all the instinctual movement, it means that it is possible to verify that, when Freud mentions the agent he does it talking about instinct. All his instinct theory presents various developments and some confusion until it gets to two categories: the ego instincts and the sexual instincts, in order to do that Freud does a long ride approaching subjects as children sexuality and narcissism. The present work aims – starting from the Freudian construction of the instinctual theory – to show since the beginning even in the *Project for a Scientific Psychology* (1895) the instincts had its place in his piece, and it is in the 1915 text, when analyzing constituents elements, the source (*Quelle*) stands out as having the “cause of subject” function, characterizing this way and expression of a subjectivity.

Key-words: Psychoanalysis, Instincts and Subject

O presente trabalho representa o centro da discussão de uma pesquisa maior em andamento e, portanto, antes de qualquer resultado definitivo, propõe-se aqui apontar um desenvolvimento.

Inicialmente um estranhamento pode ser sentido quando da leitura do termo “sujeito” dentro de uma pesquisa a partir, exclusivamente, da obra freudiana. Estranhamento esse natural, visto que Freud investiu boa parte de suas pesquisas na definição de um aparelho, baseado em uma perspectiva materialista, em alguns

momentos até confundida com um naturalismo e não na idéia de um Sujeito assim como é definido por Jacques Lacan¹ anos mais tarde. Para muitos, na psicanálise, foi Lacan quem falou de um sujeito enquanto Freud falou de um aparelho psíquico.

Cabas (2009, p.28) aponta

Dessa maneira o sujeito – o sujeito freudiano – aparece na maioria das vezes como um argumento referencial. Um comentário de pé de página [...] E aí é o caso de pensarmos que essa discricção, essa reserva ou, até mesmo, esse silêncio devem-se ao fato de que o texto freudiano não é pródigo quanto a esse tópico. Lembremos que, para Freud, o sujeito – mesmo não sendo uma questão linear – ocupa uma linha.

O autor observa o fato de que Freud em toda sua obra utilizou o termo “sujeito” uma única vez e foi no texto “As pulsões e suas vicissitudes”. Nessa ocasião Freud assim justifica sua utilização

Embora o sentido seja claro, pode haver alguma confusão quanto ao emprego da palavra “sujeito”. De modo geral, “sujeito” e “objeto” são empregados para designar, respectivamente, a pessoa na qual se origina uma pulsão ...e a pessoa ou coisa à qual ela se dirige. Aqui, porém, “sujeito” parece designar a pessoa que desempenha o papel ativo na relação – o agente (Freud, 1915 *in* Cabas, 2009).

Desse modo, é possível notar que, mesmo com sua restrita utilização, o termo “sujeito” dentro da obra freudiana está associado às pulsões. Ou seja, pode-se assim pensar que, para Freud, no cerne da problemática da subjetividade do ser humano estaria a dinâmica pulsional e suas especificidades. Sendo assim, lança-se como problema dessa pesquisa, a verificação da existência – mesmo que de forma implícita – de uma teoria do sujeito dentro da obra freudiana e, caso ela exista se suas bases podem ser verificadas na formulação e no desenvolvimento do conceito de pulsão (*trieb*).

Porém, antes de avançar no que diz respeito à caracterização de um “sujeito” freudiano propriamente dito, faz-se necessário uma breve explanação acerca daquilo que Freud sempre deixou claro, em muito mais do que uma linha, como um de seus objetos de estudo – o aparelho psíquico.

Freud inicia sua investigação sobre a natureza humana a partir de suas experiências clínicas, mais especificamente com pacientes histéricas que apresentavam sintomas cujas causas eram até então desconhecidas para a ciência da época. A partir daí inventa a psicanálise como método para tratar essas pacientes, tendo como base de sua construção teórica, a existência de um inconsciente exercendo um papel fundamental na construção desses sintomas.² Esse inconsciente faria parte de um conjunto de instâncias psíquicas ao qual ele denominou aparelho psíquico.

Caropreso (2010, pág. 59) aponta em sua pesquisa sobre a obra freudiana que, foi no Projeto para uma psicologia científica de 1895 que Freud passa a levar em conta a existência de um “psíquico inconsciente” ocupando uma parte maior do aparelho – se assim pode-se dizer – em comparação à consciência. A autora ainda observa que, tal constatação leva Freud a adotar a idéia de um aparelho neuronal, explicado a partir de dois postulados principais: a quantidade e o neurônio, e regulados pelo princípio da inércia que tenderia sempre a descarregar pela via mais rápida toda e qualquer excitação que alcançasse o aparelho (pág. 60). Tratava-se de uma questão meramente quantitativa.

A indicação de que Freud acabaria percebendo a necessidade de investigar de maneira mais intensa esse “psíquico inconsciente” pode ser verificada na citação do próprio autor no Projeto...

Até aqui nada se disse sobre o fato de que toda teoria psicológica, independentemente do que se realiza do ponto de vista da ciência natural, precisa satisfazer mais um requisito fundamental. Ela tem de nos explicar tudo o que já conhecemos, da maneira mais enigmática, através de nossa “consciência”; e,

uma vez que essa consciência nada sabe do que até agora vimos pressupondo – quantidades e neurônios –, também terá de nos explicar essa falta de conhecimento (Freud, 1895 [1950], pág. 360).

Em meio a toda essa dinâmica quantitativa de carga e descarga com tendência a inércia presente no aparelho psíquico, Freud não ignora a existência de estímulos endógenos influenciando diretamente essa mecânica. Cita o autor ainda no Projeto...

Desde o início, porém, o princípio da inércia é rompido por outra circunstância. À proporção que aumenta a complexidade interior do organismo, o sistema nervoso recebe estímulos do próprio elemento somático – os estímulos endógenos – que também têm que ser descarregados. Esses estímulos se originam nas células do corpo e criam as grandes necessidades: como, respiração, sexualidade. Deles, ao contrário do que faz com os estímulos externos, o organismo não pode esquivar-se; não pode empregar a *Q* deles para a fuga do estímulo (Freud, 1895 [1950], pág. 349).

Como Freud associava o aumento da quantidade de excitação a uma experiência desprazerosa e, conseqüentemente, a descarga dessa excitação a uma redução da tensão a zero causando prazer, seria possível concluir que essa relação entre os estímulos externos e a sensação de prazer/desprazer seria linear. Porém, a verificação da existência também de estímulos endógenos cuja quantidade não é totalmente descarregada pelo movimento reflexo faz com que a idéia dessa linearidade seja contestada. Caropreso (2010) aponta que Freud chamou de “ação específica” aquilo que seria capaz de cessar uma estimulação endógena, como por exemplo, a ingestão de alimento no caso da fome, causando aí uma modificação na tendência fundamental do aparelho. Dessa forma, cita a autora

Em vez de manter o nível interno de quantidade igual a zero, a tendência dominante passaria a ser mantê-lo constante no nível mínimo possível. Assim, o princípio da inércia daria lugar, nos termos de Freud, a uma tendência à constância. (p. 64)

Um desenvolvimento teórico mais específico do aparelho psíquico pode ser encontrado no capítulo 7 do texto *A interpretação dos sonhos*, porém, nesse momento abriremos mão dessa discussão mais aprofundada por encontramos aqui o ponto que permite a ligação entre o que foi desenvolvido até então sobre o aparelho e o posterior desenvolvimento da noção de pulsão. Essa breve descrição do funcionamento do aparelho psíquico nos leva a conclusão de que ele não é mais entendido como simples máquina, mas sim, algo capaz de produzir estímulos, o que nos permite avançar na construção freudiana da teoria das pulsões a partir da seguinte problematização: Qual a relação desses estímulos endógenos com o que Freud chamará posteriormente de pulsão (*trieb*)? Deixaremos essa pergunta como fio condutor ou pano de fundo de nossa investigação e passaremos agora a tratar da pulsão propriamente dita.

No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905, Freud pela primeira vez aborda o termo pulsão de maneira mais objetiva. Já na primeira linha do texto, antes de iniciar sua descrição do que ele chama de “aberrações sexuais” ele define

O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma “pulsão sexual”. Segue-se nisso a analogia com a pulsão de nutrição: a fome. Falta à linguagem vulgar (no caso da pulsão sexual) uma designação equivalente à palavra “fome”; a ciência vale-se, para isso, de “libido” (Freud, 1905, p. 128).

A colocação: “expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma pulsão sexual”, deixa claro uma ligação direta entre pulsão e matéria. Essa relação entre pulsão e

biologia, ou mais especificamente pulsão e instinto, gerou boa parte das discussões e acima de tudo, confusões sobre o tema desde 1905 até hoje.

Garcia-Roza (1986, p. 13) aponta o fato que o propósito sistemático de Freud com esse texto era desfazer a confusão entre pulsão e instinto. Assim, cita o autor

Freud expõe o ponto de vista da ciência da época sobre a sexualidade não para utilizá-lo como ponto de partida teórico, mas para proceder uma gentil desmontagem que o desqualifica para a psicanálise. Para além da questão das chamadas aberrações sexuais, Freud insiste no fato de que a sexualidade humana é, em si mesma aberrante: aberrante em relação à função biológica da reprodução. O que a pulsão sexual visa não é a reprodução, mas sim a satisfação.

Nos Três ensaios... essa polêmica questão entre pulsão e instinto foi gerada e será retomada mais adiante. Nesse momento, nosso ponto de parada dentro do texto refere-se às conclusões que Freud chegou sobre a pulsão, a partir da teorização sobre a sexualidade infantil.

A discussão se inicia na introdução dos termos “objeto” e “alvo” sexual. O primeiro se referindo à pessoa de quem provém a atração sexual e o segundo como destino da pulsão. Freud parte do exemplo da fábula poética da divisão do ser humano em duas metades – homem e mulher – que buscam a união e percebe que nem sempre é essa a busca que acontece na realidade. Os desvios existentes na busca revelam a complexidade da relação pulsional entre objeto e alvo e reforçam desde já a idéia de que o que está em jogo é a satisfação e não outra coisa. Disso conclui Freud

Chamou-nos a atenção que imaginávamos demasiadamente íntima a ligação entre pulsão sexual e o objeto sexual. A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda [...] [...] É provável que de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem ao encanto deste (Freud, 1905, p. 140).

Mais adiante, conclui ainda que não se trata então de uma “pulsão”, mas sim de “pulsões parciais” que são resultantes de uma decomposição de um representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente. Aqui, Freud não apenas lança a idéia das pulsões parciais como também estabelece a “pulsão” como “um dos conceitos da delimitação entre anímico e físico” (Freud, 1905, p. 159). Define também que a fonte da pulsão estaria ligada a um órgão submetido a um processo excitatório e esse órgão em questão recebe o nome de “zona erógena”. O alvo da pulsão sexual infantil é a estimulação da zona erógena “escolhida” em busca de uma satisfação que em outro momento já deve ter sido vivenciada para que aqui possa ser repetida. Dessa forma, na infância, a relação entre objeto e alvo da pulsão se caracteriza por ser auto-erótica e apresentar uma independência entre as pulsões parciais na busca pela satisfação. Será somente na puberdade que a pulsão sexual encontrará objeto sexual fora do corpo, ocorrendo então a conjugação de todas as pulsões parciais e as zonas erógenas “subordinam-se ao primado da zona genital” (Freud, 1905, p. 196).

O artigo de 1910 chamado *A Concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* tem uma parcela importante no desenvolvimento da teoria pulsional, pois, além de concatenar as principais conclusões tiradas a partir dos Três ensaios... , lança mão do termo “instintos do ego” e os identifica com os instintos de autopreservação. Assim cita Freud no texto

Descobrimos que cada instinto procura tornar-se efetivo por meio de idéias ativantes que estejam em harmonia com seus objetivos. Estes instintos nem sempre são compatíveis entre si; seus interesses amiúde entram em conflito. A oposição entre as idéias é apenas uma expressão das lutas entre os vários instintos. Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte

extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e os instintos que tem por objetivo a autopreservação do indivíduo – os instintos do ego. (Freud, 1910, p. 223)

Nesse texto Freud nos mostra como os instintos sexuais e os instintos do ego se apropriam dos mesmos órgãos. Ele utiliza do exemplo da boca que pode ter tanto a função de comer e falar e com isso estaria servindo ao instinto de autopreservação, como também pode ter a função de beijar e, nesse caso, estaria a serviço do instinto sexual (Freud, 1910, p. 225). A partir daí desenvolve as saídas patológicas que o conflito resultante dessa “dupla utilização” pode acarretar, questão essa que não merece maior desenvolvimento em nossa pesquisa.

No texto *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914) Freud desenvolve toda uma articulação entre a libido – que já tinha sido citada anteriormente – e sua relação com o ego e os objetos externos. Dessa relação conclui que o narcisismo seria então resultado da libido afastada do mundo externo e dirigida ao próprio ego, com o acréscimo de um “algo a mais” que Freud não especifica, mas que cita como o diferencial entre investimento de libido no próprio ego – que funda o narcisismo – e os instintos auto-eróticos do qual tratou nos Três ensaios... Freud deixa claro nesse texto que a diferenciação que ele faz entre a libido direcionada ao ego e a libido ligada aos objetos é o “corolário”, ou seja, a consequência necessária e evidente da hipótese que estabelecia a distinção entre os instintos sexuais e os instintos do ego (Freud, 1914, p. 86). Nesse momento na obra de Freud ainda não havia nenhuma teoria dos instintos, por isso, a diferenciação feita a partir de uma teoria do investimento libidinal que mantinha a raiz – ou, nas palavras do próprio Freud o apoio – na biologia.

O que de mais importante para a presente pesquisa é verificado no texto sobre o narcisismo, diz respeito à descrição das primeiras relações objetivas estabelecidas pelo indivíduo, um esboço de toda uma construção teórica sobre a subjetividade que passa nesse momento a tomar forma. Os instintos de autopreservação passam a ser entendidos como instintos sexuais direcionados ao próprio ego. Freud no texto aponta que

As primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são experimentadas em relação com funções vitais que servem à finalidade de autopreservação. Os instintos sexuais estão, de início, ligados à satisfação dos instintos do ego; somente depois é que eles se tornam independentes destes, e mesmo então, encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção (Freud, 1914, p. 86).

Até aqui se tem um resumo do percurso freudiano até chegar ao ponto onde realmente desenvolve a teoria pulsional propriamente dita: o texto *A pulsão e suas vicissitudes* de 1915. Já na nota do editor inglês inicia-se a polêmica que se arrasta até os dias atuais e que merece aqui um cuidado especial. Trata-se da utilização o termo *instinto* para identificar o que na obra alemã pode ser encontrado como *trieb*. Chama a atenção também ainda na nota do editor que Freud no texto é um tanto quanto ambíguo na utilização de *Trieb* (agora chamado aqui como pulsão e não mais como instinto) e *Triebrepräsenz* (representante pulsional). Essa utilização dos dois termos serve para diferenciar a pulsão em si e aquilo dela que pode ser encontrado no aparelho, ou seja, a pulsão só pode ser reconhecida no aparelho psíquico através dos seus representantes. Como a partir de agora, é da pulsão que irá se falar e não mais do instinto, convém explicar resumidamente essa escolha.

Garcia-Roza (1990, p. 9-10) aponta um equívoco grave na tradução da obra para o

português cuja conseqüência é um reforço da tendência instintivista e, portanto, biologizante da teoria psicanalítica. O comentador se refere à inversão do sentido original da frase cujo correto seria: “se agora abandonamos o aspecto biológico e passamos a consideração da vida anímica, a pulsão nos aparece como um conceito entre o anímico e o somático...”³ na tradução para o português encontra-se: “se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um instinto nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático...”(Freud, 1915, p. 127).

Independentemente da confusão ocasionada pelos desencontros na tradução, desde o Projeto de 1895 até os estudos sobre o narcisismo em 1914, Freud apresenta a idéia de uma psicologia de base biológica. No entanto, o instinto enquanto conceito das ciências naturais estaria ligado diretamente à necessidade. Segundo estas ciências, todo ser vivo é marcado por uma falta, falta essa que pode – e talvez aí se instaure a diferença principal – ser suprida a partir de algo externo, um objeto também natural. Garcia-Roza (1990, p. 15) aponta que, dessa forma, haveria uma adequação entre as necessidades do corpo e determinados objetos do mundo caracterizando uma “harmonia preestabelecida”.

Porém, essas conclusões não são possíveis de serem chegadas pelo menos nas páginas iniciais do texto de 1915. Na tentativa de responder à questão “pano fundo” sobre a relação dos estímulos endógenos com o trieb, encontra-se no texto a seguinte passagem:

Nada existe que nos impeça de subordinar o conceito de pulsão ao de estímulo e de afirmar que um instinto é um estímulo aplicado à mente. Mas de imediato ficamos prevenidos contra *igualar* pulsão e estímulo mental (Freud, 1915, p. 124).

Dessa maneira Freud faz a distinção dizendo que existem estímulos mentais que não se referem às pulsões como, por exemplo, a luz forte que incide sobre a vista. E outros são como, por exemplo, a irritação da membrana mucosa do estômago no caso da fome. Freud nesse momento apóia a necessidade ao estímulo pulsional. Por outro lado, acatar essa idéia seria concluir que a satisfação do estímulo pulsional aconteceria através de um objeto capaz de suprir a necessidade, mas desde o Projeto... Freud já alertava para o seguinte: “... nenhuma descarga pode produzir resultado alivante, visto que o estímulo endógeno continua a ser recebido e se restabelece a tensão em ψ ” (pág. 370), e no texto de 1915 ao falar da *finalidade* (Ziel) como termo referente ao conceito de pulsão Freud diz

A finalidade de uma pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte da pulsão. Mas, embora, a finalidade última de cada pulsão permaneça imutável, poderá ainda haver diferentes caminhos conducentes à mesma finalidade última, de modo que se pode verificar que um instinto possui várias finalidades mais próximas ou intermediárias, que são combinadas ou intercambiadas umas com as outras. A experiência nos permite também falar de pulsões que são inibidas em sua finalidade, no caso de processos aos quais se permite progredir no sentido da satisfação pulsional, sendo então inibidos ou defletidos. Podemos supor que mesmo processos dessa espécie envolvem uma satisfação parcial (Freud, 1915, p. 130).

Ou seja, a hipótese de “harmonia preestabelecida” parece ser dificilmente considerada aqui. A relação entre as pulsões e os objetos é mediada por um “algo a mais” que não se limita a satisfação das necessidades biológicas. Mas o interessante é que até aqui, Freud ainda tenta definir melhor o conceito de pulsão identificado como “[...] situado na fronteira entre o mental e o somático” (Freud, 1915, p. 127) e procura

um apoio ora na biologia, ora na psicologia, sem abandonar qualquer um dos dois. Na definição das pulsões do ego ou autopreservativas o apoio na biologia fica mais evidente, porém, é com relação às pulsões sexuais que Freud vai avançar nesse momento. Ele nos diz

Visto que um estudo da vida pulsional a partir da direção da consciência apresenta dificuldades quase insuperáveis, a principal fonte de nossos conhecimentos continua a ser a investigação psicanalítica das perturbações mentais. A psicanálise, contudo, em consequência do curso tomado pelo seu desenvolvimento, até agora só tem sido capaz de nos proporcionar informações de natureza razoavelmente satisfatória acerca das pulsões sexuais, pois este é precisamente o único grupo que pode ser observado isoladamente, por assim dizer, nas psiconeuroses (Freud, 1915, p. 131).

Sendo assim, sua pesquisa segue rumo à investigação das vicissitudes ou, destinos, pelos quais passam as pulsões sexuais, nesse momento, identificadas como àquelas direcionadas aos objetos. E é a partir daqui que Freud utiliza por algumas vezes o termo *sujeito* conforme citado no início do trabalho. Pode-se dizer então, que o “sujeito freudiano” é resultante da relação do indivíduo com os objetos externos, mediado pelas pulsões sexuais? Ao menos até o presente momento da obra freudiana, onde no texto *As pulsões e suas vicissitudes (1915)* se instala o dualismo pulsional representado pelas pulsões do ego e as pulsões sexuais e surge a primeira “aparição” do termo *sujeito* de maneira a substituir o “indivíduo” – Pode-se dizer que sim, ou melhor, também.

Cabas (2009), na sua pesquisa sobre o sujeito na obra de Freud e Lacan acrescenta ainda a essa discussão em torno do sujeito freudiano, a importância que a Fonte (Quelle) da pulsão passa a ter enquanto *função de causa do sujeito*. Essa abordagem da pulsão – pouco explorada nas pesquisas sobre o tema – sugere que, sendo a pulsão esse movimento interno que causa uma excitação e assim, exige um ato capaz de suprimir tal efeito, mas que não pode ser feito por meio de uma ação muscular de fuga, mantendo assim seu caráter excitatório, tem o estatuto de *furo* apontando uma falta – falta de satisfação. A falta é então causa do ato e, por extensão, sustentáculo material do lugar do sujeito na experiência freudiana (p. 60). Assim ele diz

[...] a análise das conclusões freudianas nos leva a hipótese de que o sujeito em questão – o freudiano – é o correlato de uma satisfação do órgão. Do órgão implicado no movimento pulsional, ou seja, do órgão do qual deriva a pulsão, com suas consequências. A mais importante delas é que o que dá substância e consistência material ao sujeito é um órgão que se define pela apetência, isto é, pela exigência da satisfação que o governa. Cabas (2009, p. 53)

Conclui-se aqui a título de recorte da primeira parte uma pesquisa que pretende explorar todo desenvolvimento da noção de pulsão (*trieb*) na obra freudiana, que realmente o tema se confirma como um dos mais complexos e inacabados e que apresenta além de desdobramentos, giros conceituais ao longo do seu desenvolvimento. A partir de 1915, o tema das pulsões ainda permeará boa parte da investigação freudiana acerca da natureza humana, principalmente nos textos: Além do princípio do prazer (1920), O Ego e o Id (1923) e Mal estar na civilização (1929), onde um novo dualismo pulsional se apresentará como base dos impulsos humanos. Até aqui, pôde-se verificar desde o Projeto para uma psicologia científica (1895) a existência de uma matéria prima que se firma como base para a toda a formulação da teoria pulsional e que essa, por sua vez, pode caracterizar, de maneira discreta, porém decisiva, a expressão de uma subjetividade.

Notas

1. Mestrando em filosofia pela PUC-PR.
2. Em várias passagens da sua obra Jacques Lacan irá falar a respeito da constituição do sujeito, entre elas, quando subverte a idéia cartesiana do “penso logo existo”, passando e utilizar o “penso onde não, sou onde não penso” descentralizando o pensamento e dando lugar ao inconsciente como centro da “verdade” do ser. (LACAN, 1970).
3. Parte-se aqui do ponto em que um “psíquico inconsciente” já é entendido como instância do aparelho. Conclusão essa que Freud só chega a partir do Projeto para uma psicologia científica. Antes disso e, principalmente, no texto sobre as Afasias de 1891, Freud ainda considerava a consciência como a principal instância.
4. Cf. a tradução publicada por Amorrortu Editores.

Referências Bibliográficas

- CABAS, Antonio Godino (2009). *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- CAROPRESO, Fátima (2010). *Freud e a Natureza do Psíquico*. São Paulo: Annablume.
- FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica* (1895) [1950]. Edição Standart das Obras Completas (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Edição Standart das Obras Completas (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910). Edição Standart das Obras Completas (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914). Edição Standart das Obras Completas (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *As pulsões e suas vicissitudes* (1915). Edição Standart das Obras Completas (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo (1986). *Acaso e Repetição em Psicanálise – uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1990). *O Mal Radical em Freud*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.